

Processo de interpelação ideológica e cinismo na pesquisa em Análise do Discurso / *The ideological interpellation process and the cynicism in the Discourse Analysis research*

*Luciana Iost Vinhas**

RESUMO

O processo de interpelação ideológica, considerado um dos principais elementos que constituem a herança do Materialismo Histórico-Dialético na abordagem francesa da Análise do Discurso, ao passar pela leitura de Michel Pêcheux, recebe uma dimensão singular, baseada na operação de modalidades de funcionamento subjetivo na forma como a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. A identificação, a contraidentificação e a desidentificação são as três modalidades que objetivam caracterizar a relação do sujeito com a ideologia, sendo que essa relação é atravessada e determinada pelas formações discursivas. Tendo como base esses pressupostos, o objetivo do presente trabalho é tratar sobre como a Análise do Discurso tem desenvolvido suas pesquisas ao considerar o funcionamento cínico da ideologia. Os estudos que têm realizado essa articulação trazem a importância de o cinismo ser considerado subjetivação do sujeito, tendo em vista, principalmente, as crises que vêm ocorrendo nas democracias contemporâneas. Outro elemento que parece ser importante na consideração sobre o cinismo na pesquisa em Análise do Discurso diz respeito à forma como trabalham os esquecimentos nº 1 e nº 2 na teoria do discurso. Desse modo, com base nos elementos teóricos mencionados, esta reflexão trará elementos teóricos para se considerar o cinismo como parte do funcionamento discursivo através de um processo de *forjadura*.

PALAVRAS-CHAVE: Cinismo; Ideologia; Análise do Discurso.

ABSTRACT

The process of ideological interpellation, which is considered one of the main elements that constitute the Historical-dialectic Materialism heritage in the French approach of the Discourse Analysis, when it is analyzed by Michel Pêcheux, it receives a singular dimension, based on the operation of the modalities of subjective functioning in the way the ideology interpellates the individuals into subjects. The identification, the counteridentification, and the disidentification are the three modalities that have the objective of characterize the relation between the subject and the ideology, and this relation is crossed and determined by the discursive formations. These assumptions are the basis of this paper, and its objective is to think about how the Discourse Analysis has developed researches when considering the cynical operation of the ideology. The studies that have made this articulation bring out the importance of the cynicism considered in the subjectivation of the subject, taking into account, mainly, the crises that have occurred in the contemporary democracies. Another element that seems important in the consideration of the cynicism in the research in Discourse Analysis concerns the way the forgetfulness nº 1 and 2 work in the discourse theory. Thus, beased on the theoretical elements mentioned, this reflexion will bring theoretical elements to consider the cynicism as part of the discursive operation through a forging process.

KEYWORDS: Cynicism; Ideology; Discourse Analysis.

1 Considerações introdutórias

A Análise do Discurso, teoria originada no seio dos estudos estruturalistas no final da década de 1960, traz elementos importantes (e necessários) para a compreensão

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. lucianavinhas@gmail.com

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

do processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Michel Pêcheux, filósofo responsável pela criação dessa disciplina no âmbito das Ciências Humanas, contribuiu para o campo epistemológico no qual está inserido através de um gesto singular de compreensão da relação entre língua, história e sujeito. Buscando suporte no Marxismo, na Psicanálise e na Linguística, o dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso surge como o efeito de uma reflexão revolucionária na ciência logicamente estabilizada da época.

O autor deixou um legado denso de reflexões, permeado por questionamentos e retificações, que foram sendo apresentadas durante o período que abrangeu o final dos anos 1960 até o início dos anos 1980. Durante quase vinte anos, Pêcheux foi capaz de instalar em seu círculo uma renovação no que tange à compreensão de como o sentido se estabelece, chamando-a de *semântica discursiva* (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, 2007 [1971]) possível a partir de uma *teoria materialista dos sentidos* (PÊCHEUX, 2009 [1975]).

Faz parte da ética do trabalho pêcheuxiano o constante questionamento sobre sua prática científica, aliada a uma prática política. Então, o filósofo deixa um campo de questões para serem pensadas por aqueles que o seguiram e, apesar de termos sido beneficiados amplamente com a base teórica construída na França, o *movimento* é (e deve ser) sempre desejado pelo pesquisador analista de discurso. Movimento, aqui, pensado como elemento fundamental do materialismo dialético (ORLANDI, 2016) e, também, como aquilo que caracteriza o discurso, o sujeito e o sentido. Para Orlandi (1995, p. 38), “a significação é um movimento, assim como a identidade é um movimento”, e a autora sinaliza a atuação desse movimento de três maneiras: na errância do sentido, na itinerância do sujeito e no correr do discurso.

O presente trabalho traz um gesto teórico para se refletir sobre os efeitos do cinismo nos processos de subjetivação. Tem-se como objetivo tratar brevemente sobre a forma como a AD tem desenvolvido suas pesquisas ao considerar o funcionamento cínico da ideologia. Considerando o papel determinante da ideologia no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso (AD), torna-se necessário questionar como operaria a forma cínica do funcionamento da ideologia nas análises propostas pela teoria. A reflexão está justificada por se considerar que o cinismo é, na formação social atual, um modo de funcionamento da ideologia presente nas relações sociais,

principalmente nas relações jurídico-políticas, afetando o funcionamento dos Aparelhos de Estado (Ideológicos e Repressivo, conforme a teorização de Althusser), e, por conseguinte, o Estado Democrático de Direito. Esse funcionamento atinge, portanto, a luta de classes, e é em função disso que o olhar atento do analista de discurso deve trazer a questão para o escopo de suas análises.

2 Análise de Discurso e Cinismo

Para dar início ao percurso teórico proposto neste texto, é importante fazer referência a alguns dos principais elementos que constituem a Análise do Discurso teórico-epistemologicamente. Esse dispositivo considera que, do contato entre sujeito, história e língua se constitui o discurso, e é na contradição entre Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística que se faz a AD (ORLANDI, 2006). Para Malidier (2003, p. 15 [grifo da autora]), o discurso é, em Pêcheux, “um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito”. Esse nó teórico, o discurso, é a materialidade que lhe confere a possibilidade de existência de pontos de deriva, de rupturas na ordem do repetível. Com isso, acrescenta-se, ao colocado por Malidier (2003), a fala de Pêcheux (2006 [1988], p. 53): “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso”.

A referência à teorização de Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento* torna-se necessária para compreender a forma como a língua se sustenta no processo de constituição, formulação e circulação dos sentidos. A língua, na teoria, é compreendida como *relativamente autônoma*, pois o sentido que é estabelecido a partir dela depende não somente da estrutura linguística, mas, principalmente, daquilo que ocorre em sua exterioridade. Há a possibilidade de o sentido sempre se deslocar de si mesmo e tornar-se outro, como diz o próprio Pêcheux (2006 [1988], p. 53) na obra já citada: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. O sentido não está preso à palavra, mas depende da vinculação do sujeito a uma determinada formação

discursiva, e essa relação entre sujeito e formação discursiva não é avessa à tensão, à incompletude, à falha. A língua significa pelo atravessamento da ideologia; o sujeito é capaz de interpretar a partir de uma identificação determinada ideologicamente. Da mesma forma, a língua significa porque o sujeito é dotado de inconsciente; o sujeito é capaz de interpretar porque não reconhece sua interpelação e é movido pelo desejo. Com base no exposto, a concepção de ideologia na teoria significa a partir daquilo que se coloca como evidente para o sujeito, cuja existência é material, ao invés de ser compreendida como efeito de um processo de ocultação.

Os pontos de deriva dos quais nos fala Pêcheux (2006 [1988]) são possíveis não só pelo caráter opaco da linguagem, mas, também, pela sua equivocidade. A língua é compreendida como portadora de uma falta impossível de ser preenchida e suturada (falta entendida como o real da língua), manifestada através de equívocos representados na estrutura (cf. MILNER, 1987). Sendo assim, o cerne da AD está em considerar uma estrutura linguística que opera em consonância com duas forças: as forças da determinação sócio-histórica e as forças da estrutura psíquica do sujeito, predominantemente inconsciente. Com isso, um conflito caracteriza a constituição da subjetividade, e daí surgem as contradições, constitutivas tanto de um quanto de outro. Em virtude desse caráter altamente contraditório, a partir da materialidade linguística, o surgimento de mais de uma possibilidade de interpretação será possível, sendo ela compreendida como esses *pontos de deriva*. É nesses pontos de deriva que a teoria trabalha e, por esse viés, discute os conceitos principais que balizam o funcionamento discursivo.

Na compreensão do funcionamento da linguagem, especialmente do funcionamento semântico, a questão da subjetividade é essencial. Logo, na compreensão de como o sentido se constitui, é necessário compreender a constituição do sujeito, que ocorre via determinação inconsciente e ideológica. O processo de interpelação ideológica, conforme compreensão althusseriana, é deslocado para a teoria do discurso e ganha operacionalidade através do funcionamento das formações discursivas, noção resgatada da teoria de Michel Foucault. Aliado à compreensão de ideologia althusseriana, Pêcheux promove uma releitura da noção de formação discursiva a fim de dar conta de uma concepção afetada pelo funcionamento ideológico, considerando o embasamento da teoria no Materialismo Histórico. A formação

discursiva é, assim, efeito do funcionamento material da ideologia, a qual se configura como evidência do sentido e não como falsificação da realidade; esta noção é figura central no empreendimento da AD, pois funciona como administradora daquilo que é possível e necessário de ser dito a partir de uma determinada posição na luta de classes, conforme será debatido posteriormente. Ela conecta, então, o nível linguístico ao nível ideológico; ela mobiliza a identificação do sujeito a uma ideologia que trabalha na sua interpelação.

Todo o processo narrado até aqui acontece sem a consciência do sujeito. Não se tem consciência de que o sujeito é um efeito de uma determinação ideológica, e o sentido se constitui como um efeito dessa determinação. Confirmando tal pressuposto, Žizek (1996, p. 312 [grifos do autor]), ao tratar da ideologia na acepção marxista, refere o que segue: “a definição mais elementar da ideologia é, provavelmente, a famosa frase de *O capital* de Marx: ‘*Sie wissen das nicht, aber sie tun es*’ – ‘*disso eles não sabem, mas o fazem*’”.

Desdobrando o postulado em Marx para se chegar à leitura althusseriana, podemos afirmar que o sujeito não sabe o que faz, mas essa falta de consciência não deriva de uma falsificação da realidade; na verdade, com a teorização de Althusser, chega-se à ideologia como forma de existência material que funciona através de Aparelhos de Estado (ALTHUSSER, 2008). A ideologia, portanto, não oculta ou falsifica a realidade para o sujeito, mas, na verdade, ela se mostra como uma evidência, como uma saturação que se coloca disponível aos sujeitos (e, assim, o estabelecimento do sentido não poderia ser de outro jeito a não ser aquele reproduzido a partir do que é evidente ao sujeito).

A ideia retomada por Žizek (1996) de que *eles não sabem, mas o fazem* é deslocada por Sloterdijk (2012) para tratar do cinismo. Tal enunciado, então, é importante para tratar sobre o cinismo e a sua relação com a forma como a ideologia opera na formação social. Sloterdijk diz que a razão cínica trabalha a partir da seguinte lógica: *eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas, mesmo assim, o fazem*. Conforme Žizek (1996, p. 313),

Peter Sloterdijk propõe a tese de que o modo dominante de funcionamento da ideologia é cínico, o que torna impossível – ou, mais exatamente, inútil – o clássico método crítico-ideológico. O sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara

ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara. A fórmula, portanto, tal como proposta por Sloterdijk, seria: “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”. A razão cínica já não é ingênua, mas é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia a ela. (ZIZEK, 2009, p. 313).

O funcionamento cínico da ideologia está relacionado, portanto, a uma mudança no laço social entre os sujeitos da formação social contemporânea. O recalçamento da relação de dominância com o fim do Feudalismo e ascensão do Capitalismo origina um laço social neurótico em uma sociedade de produção, cujo fundamento é a repressão. Contudo, a partir da relação harmônica entre dizeres em que ninguém acredita e a onipotência do capital, o que anteriormente se configurava como um laço social baseado na neurose, se reconfigura, no capitalismo pós-industrial, situando-se, então, como um laço social perverso. Conforme Safatle (2008, p. 22), “o cinismo seria solidário da transformação da perversão, e não mais da neurose, em saldo necessário de nossos processos de socialização”. Nesse laço social, presente não mais na sociedade da produção, mas, sim, na sociedade de consumo, o paradigma é o imperativo do gozo, e a subjetivação tem a denegação (ao invés da repressão) como mecanismo de defesa. A denegação promove, portanto, a relação do sujeito na formação social através das máscaras presentes na citação suprarreferida, sendo possível o sujeito se posicionar como legislador e gozar a partir da angústia do outro. Entendemos, então, que a razão cínica permite ter consciência e, mesmo com consciência, manter a exploração como forma de gozar a partir do sofrimento do outro sobre o qual se legisla em uma sociedade de fraqueza das instituições e de aparência democrática.

O sujeito cínico, conforme expresso no entendimento de Zizek (1996) sobre a teorização de Sloterdijk (2012), sabe da distância entre a máscara ideológica e a realidade social. Esse sujeito compreende o funcionamento sócio-histórico-ideológico no qual está inserido e a forma como ele se posiciona nesse funcionamento; compreendendo o seu papel, decide manter a máscara ao invés de resistir. Podemos resgatar um exemplo da conjuntura política brasileira contemporânea. Alguns políticos em situação de poder dizem “Vamos acabar com a corrupção”; ao mesmo tempo, esses mesmos políticos são vinculados a organizações criminosas. Há, portanto, uma distância

entre a máscara ideológica e a realidade social; o que o sujeito diz não representa a sua determinação ideológica: é uma mentira com aparência de verdade.

Fazemos uma interrupção neste texto para, a partir do que foi acima exposto, retomar o que aconteceu com Michel Temer, vice-Presidente de Dilma Rousseff, que, após assumir a Presidência com o golpe de 2016 e de passar o cargo para Jair Bolsonaro, foi preso no dia 21 de março de 2019 e considerado o *líder de uma organização criminosa que existe há mais de 40 anos no Brasil*. O golpe, lembramos, apesar de ter embasamento jurídico em “pedaladas fiscais” praticadas por Dilma (e, também, pelos Presidentes que a antecederam, diga-se de passagem), foi justificado pela necessidade de se “fazer uma limpa” na corrupção do Brasil¹, posto que, à época, a corrupção era somente associada, na construção imaginária forjada pela mídia dominante, a um partido político: o Partido dos Trabalhadores (PT). A “limpeza”, então, ocorreria pelas mãos de Temer². Poucos meses após o golpe, temos o seguinte cenário, conforme Reichow, Mello e Carleial (2018, p. 146):

Passou-se ao corte de direitos sociais, de desregulamentações fulcrais na economia do petróleo e, essencialmente, na visualização da PETROBRAS como um ativo financeiro – desaguando na venda de campos do pré-sal, nas mudanças de gestão da estatal e na instituição de uma nova política de preços. E com essa implementação, novamente, de um modelo neoliberal e privatizante, consolidam-se as interpretações de que uma das motivações do próprio golpe foi entregar o pré-sal para os grupos internacionais do petróleo e, idealmente, privatizar a PETROBRAS. (REICHOW; MELLO; CARLEIAL, 2018, p. 146).

O golpe, justificado popularmente como uma forma de acabar com a corrupção, se instala na política brasileira enquanto um recurso para a exploração da corrupção. Tal é o funcionamento cínico da ideologia: “o que se vê hoje é uma relação, de certo modo harmônica, entre dizeres em que ninguém acredita e a onipotência do capital” (BALDINI, 2009, p. 04).

Seguindo com a nossa teorização, precisamos perguntar: qual seria o efeito desse funcionamento perverso no seio do aparato teórico-epistemológico da Análise do

¹ Quanto a este ponto, buscamos a reflexão de Indursky (2017), na qual a autora analisa alguns enunciados de deputados federais na sessão de votação do impeachment na Câmara.

² Importante ressaltar que a destituição de Dilma só veio a cabo com o apoio de uma parte da população brasileira descontente com os mais de 13 anos em que o PT ocupou a Presidência da República. Dilma Rousseff não tem seu nome associado a organizações criminosas e exerce sua cidadania em liberdade.

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Discurso? Parece que se torna necessário, na esteira dos estudos de Baldini (2009), propor uma forma de relação entre o funcionamento cínico da ideologia e as modalidades de subjetivação de Michel Pêcheux. Para o autor, nas práticas contemporâneas, as relações dos sujeitos com seu próprio dizer ancorariam “as marcas de uma alteração na identificação dos mesmos com as formações discursivas” (BALDINI, 2009, p. 02), e essa alteração modifica a identificação dos sujeitos com a ideologia no capitalismo pós-industrial. Concordamos com Baldini (2009, p. 05-06) quando o autor insiste na necessidade de se considerar uma diferença ao afirmar que “estamos diante de um novo modelo de poder, que opera de maneiras diferentes, e que isso traz consequências para uma teoria materialista do discurso, pois o que se opera, fundamentalmente, é uma relação diferente dos sujeitos com o discurso”.

Como o cinismo teria uma relação com a identificação dos sujeitos com as formações discursivas, é necessário abordar brevemente as modalidades de funcionamento subjetivo que operacionalizam a relação dos sujeitos com elas, relação essa regulada pela ideologia. Essas três modalidades, apresentadas de forma aprofundada em Pêcheux (2009 [1975]), ampliam as concepções de sujeito da Psicanálise para o Materialismo Histórico. Grigoletto (2005) as resume como apresentadas em *Semântica e Discurso*: (i) a identificação, modalidade do bom sujeito, na qual ele se identifica, de forma inconsciente, com a formação discursiva e ideológica a que está assujeitado; (ii) o contradiscurso, modalidade em que o sujeito se revolta, questiona, contesta as evidências ideológicas da formação discursiva de sua determinação; e (iii) a desidentificação, cujo ponto de partida está na segunda modalidade, tratando-se da tomada de posição não-subjetiva.

Retomando a proposta de Baldini (2009, p. 07), o autor afirma: “o que o caso do funcionamento cínico parece explicitar é justamente uma filiação do sujeito a um certo discurso, mas de um modo em que já há, em princípio, um certo distanciamento, uma certa aproximação irônica, um engajamento de outra natureza”. Pensando, então, na atuação das formações discursivas, assumindo que as formações discursivas “determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007 [1971], p. 26 [grifos dos autores]), parece que o nó que enlaça ideologia e cinismo se

materializa na língua: a relação do sujeito com o seu dizer marca a falha do processo de interpelação ideológica, autorizando-se ao sujeito uma posição equívoca em relação à formação discursiva que o interpela e a formação discursiva que o representa na formação social (tal é o funcionamento material do cinismo). Essa paródia operada pelo sujeito no funcionamento das formações discursivas acaba por afetar, então, o funcionamento das formações imaginárias. Tem-se, assim, o sujeito criando uma imagem forjada de si para, de alguma forma, gozar com o sofrimento do outro, mantendo-se em uma relação de dominância ao aparentar uma verdade impossível. Por a formação discursiva estar vinculada à luta de classes, a identificação que o sujeito tenta controlar via esquecimento n° 2 e a sua determinação ideológica (estamos falando aqui de duas formações discursivas diferentes³) são, também, vinculadas a diferentes posições na luta de classes. O relacionamento com a FD que o forja não é parafrástico, mas parodístico.

Quando trazemos a discussão sobre a relação entre o cinismo e o esquecimento n° 2, estamos nos embasando na proposta de Indursky (2017). A autora, ao analisar os votos dos deputados na sessão da Câmara referente ao processo de “impeachment” da Presidenta Dilma Rousseff (os mesmos deputados que aprovaram as modificações na PETROBRAS e a venda do pré-sal, conforme dito anteriormente), trata sobre o funcionamento cínico da ideologia mencionando que existe “certa autonomia do sujeito no deslizamento do esquecimento 1 para o esquecimento 2”, ou seja, interpretamos que esse funcionamento pode ser compreendido como de *o sujeito não sabe o que faz* (esquecimento n° 1) para *ele sabe o que faz e, mesmo assim, o faz* (esquecimento n° 2).

O sujeito não fala o que ele pode e deve dizer a partir da determinação ideológica. Baldini (2009, p. 08) refere que, na identificação cínica, o sujeito *não adere ao seu dito* “já que ele nunca está totalmente lá onde fala, já que ele está só pela metade naquilo que diz. Trata-se ainda de um discurso da derrisão, já que nenhuma asserção pode ser assumida sem ser rapidamente combinada com outra, que se torna seu duplo”. Entendemos que, reconhecendo o seu desengajamento de uma formação discursiva, o sujeito fala aquilo que pode e deve ser dito para parecer engajado a uma determinada formação discursiva, como um jogo de imagens em que tenta controlar o sentido que

³ Tudo leva a crer que se trata de duas formações discursivas diferentes, mas talvez outras teorizações possam apontar para posições-sujeito diferentes. O presente trabalho não tem a intenção de aprofundar este ponto.

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

poderá ser estabelecido a partir daquilo que diz (relação com o esquecimento n° 2, conforme já explicado). Tal prática necessariamente o filia a outra FD, posto que não se está fora do funcionamento da ideologia via formação discursiva.

O sujeito, na sociedade de produção, recalca as relações de exploração; já na sociedade de consumo, ele reconhece essas relações, denega (recusa) essa existência e goza com o sofrimento do explorado. A identificação com uma formação discursiva é acompanhada de uma recusa, e entendemos essa recusa como um funcionamento de *identificação forjada*, uma *forjadura*, materialmente fabricada naquilo que diz via esquecimento n° 2.

Considerações finais

Com base no objetivo proposto, foi possível resgatar os elementos teóricos da AD necessários para se pensar sobre a proposta de subjetivação via cinismo. O funcionamento cínico da ideologia traz efeitos na forma como o sujeito se subjetiva, e entendemos esse funcionamento, conforme narrado no percurso teórico apresentado, por um processo de forjadura operacionalizada materialmente através da atuação do esquecimento n° 2.

Concluimos a presente reflexão mencionando que a articulação entre cinismo e discurso se mostra bastante produtiva no âmbito dos estudos desenvolvidos em Análise do Discurso. É possível citar alguns trabalhos que têm avançado sobre a temática engajando uma dimensão analítica à teorização sobre cinismo: Baldini e Di Nizo (2015), Vinhas (2017), Cassana (2018), Ernst (2018) e Pruinelli (2018). A AD como arma científica não só teoriza e analisa sobre a temática, mas, também, funciona como arma científica necessária na formação social atual que vive a mentira com aparência de verdade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BALDINI, L. J. S. *Cinismo, discurso e ideologia*. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 4.; 2009, Porto Alegre, RS. *Anais do IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em:

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/LauroJoseSiqueiraBaldini.pdf>>.

Acesso em: 30 março 2019.

_____; DI NIZO, P. L. O cinismo como prática ideológica. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 131-158, dezembro de 2015.

CASSANA, M. F. Eles não sabem o que fazem? O discurso cínico e ideologia de gênero. *Investigações*, v. 31, n. 2, p. 145-163, 2018.

ERNST, A. G. Cinismo e ato falho no discurso político-midiático. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 21, n. 2, jul./dez. 2018.

GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Estudos da Língua(gem)*, v. 1, n. 1, p. 61-67, 2005.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.

INDURSKY, Freda. Que sujeito é esse? Palestra apresentada no VIII Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

MALDIDIÉ, D. *A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Tradução de Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. Análise de discurso. In: _____; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.) *Discurso e textualidade: Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-32.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, v.1, p. 35-47, 1995.

_____. Nota introdutória à tradução brasileira. In: CONEIN, B. et al. (Orgs.) *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016, p. 9-16.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi [et al]. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PRUINELLI, A. M. *Impeachment/golpe de 2016: ressentimento e cinismo nas bordas do discurso*, 2018, 181 fls., Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

REICHOW, A. de M.; MELLO, L. E. de; CARLEIAL, L. M. da F. Soluções autoritárias para crises econômicas: lições da greve dos caminhoneiros de 2018 para o direito coletivo do trabalho no Brasil. *R.E.V.I. – Revista de Estudos Vale do Iguaçu*, União da Vitória, v. 02, n. 31, p. 139-154, jul./dez. 2018.

SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

VINHAS, L. I. Precisamos falar sobre Temer: o estranhamento na voz. *Fórum Linguístico*, v. 14, Número especial, p. 2482-2491, 2017.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: _____. (Org.) *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297-332.

Data de recebimento: 31/03/2019

Data de aceite: 14/04/2019